

❀ O REPERTÓRIO DE AÇÃO COLETIVA DOS ATINGIDOS ENVOLVIDOS NOS CONFLITOS COM HIDRELÉTRICAS NA ZONA DA MATA MINEIRA, NA PASSAGEM DO SÉCULO XX PARA O XXI

Bruno Costa da Fonseca
Ana Louise de Carvalho Fiúza
Tainara Emilia Rosa

1. INTRODUÇÃO

Este estudo pretendeu analisar o Repertório de Ação Coletiva de dois grupos de atingidos por barragens na Zona da Mata Mineira: as comunidades rurais¹ de Casa Nova (Guaraciaba - MG) – que lutou e barrou o empreendimento - e as de Emboque e de Granada (Abre Campo e Raul Soares – MG, respectivamente) – que não obtiveram o mesmo êxito -, tendo sido atingidas pelos empreendimentos hidrelétricos de Pilar, João Camilo Penna e Túlio Cordeiro. O presente estudo considerou na sua análise que os projetos de construção de barragens apresentam aos atingidos duas possibilidades de ação: a primeira, de aceitação e adaptação a esta situação; a segunda, de procurar alternativas a esta ameaça, mobilizando-se coletivamente e contestando tais pretensões oriundas dos empreendimentos hidrelétricos. A segunda opção coloca os agricultores em face da radicalização de suas rotinas. Eles tendem a sair da vida privada para a pública, transgredindo o papel de pequenos agricultores, ribeirinhos, quilombolas, etc., para assumirem a categoria de membros do “Movimento dos Atingidos por Barragens - MAB”. A partir desta inserção, um conjunto de símbolos, atitudes e discursos começam a compor e modificar suas estratégias de reprodução social.

¹ Destaca-se que quando nos referimos às comunidades de Casa Nova, Emboque e Granada, estamos, na verdade, nos reportando ao “caso” dos atingidos pelas hidrelétricas Pilar, João Camilo Penna e Túlio Cordeiro, pois foi assim que ficou popularmente conhecido os conflitos aqui referido. Isto é, são várias comunidades envolvidas no “caso”, mas com um projeto de resistência convergente.

Adotou-se na presente pesquisa o conceito de Repertório de Ação Coletiva de Charles Tilly. Para o autor os Repertórios seriam um conjunto de ações dos movimentos sociais, fruto de uma expressão da interação histórica e atual dos movimentos que visam determinada mudança. Surgem quando existe uma estrutura de oportunidade propícia que determina também o Repertório utilizado pelos atores envolvidos ou quando estes precisam criar novas estratégias que irão compor o Repertório. Em outras palavras, o Repertório de Ação Coletiva aponta para um conjunto de ações possíveis, que quando repetidas diminuem sua eficácia instrumental, encorajando a inovação tática. Contudo, os Repertórios podem também encorajar a persistência e a tradicionalidade ante a mudança, pois os Repertórios convencionais, utilizados ao longo dos tempos dentro de um grupo só ganham tal *status* por serem considerados profícuos e, portanto, continuam vigentes apesar das vantagens da inovação (McADAM, TARROW, TILLY, 2009, p. 25).

Destarte este conceito foi utilizado para analisar um conjunto de ações que são resultados do embate entre comunidades rurais, movimentos sociais, Igreja Católica e grandes empreendedores de barragens. No que diz respeito a Zona da Mata Mineira, que se constitui no lócus de estudo desta pesquisa, a instalação de projetos de barragens e mineração que atingiram as comunidades rurais da Zona da Mata Mineira fez surgir uma aliança entre os agricultores, os movimentos sociais e a Igreja Católica. A relação entre exploração dos “recursos naturais” e as “comunidades rurais impactadas” na região não é um fator novo. O histórico da disputa de grupos sociais pelo acesso e usos dos recursos naturais tem sido marcado por tensões e resistências desde o final dos anos 80. Impulsionado pela grande demanda de energia e pelos pressupostos desenvolvimentistas do Estado, a região passou a ser alvo de explorações, vinculadas, principalmente, à construção das Usinas Hidrelétricas de Energia e das Pequenas Centrais Hidrelétricas, em função da abundância hídrica da região. Por volta dos anos 90 foram projetados 15 empreendimentos de barragens, sendo seis especi-

ficamente para a bacia do Rio Doce, na Zona da Mata Mineira² (ZHOURI e ROTHMAN, 2008).

Com o surgimento de conflitos relativos a atuação de grandes empreendimentos na região, durante a década de 90, surgiu também a resistência por parte das comunidades, subsidiadas pelos movimentos sociais. Nessa época, quando começou a implantação das Usinas Hidrelétricas na região surgiu o MAB, apoiado e fomentado pela Arquidiocese de Mariana. O MAB contou também com a presença de agentes da Comissão Pastoral da Terra (CPT) de Minas Gerais, como diversos padres que assessoravam o bispo de Mariana, Dom Luciano³, bem como com o apoio de membros da Academia⁴, de líderes das comunidades atingidas, de ambientalistas, entre outros atores, que configuraram a primeira rede de resistência contra os grandes empreendimentos na região (OLIVEIRA, 2005).

Portanto, algumas indagações constituíram as motivações científicas deste trabalho: Quais os atuais mecanismos de mobilização utilizados pelos mediadores junto ao Movimento dos Atingidos por Barragens nas comunidades rurais de Casa Nova, Emboque e Granada, localizadas na Zona da Mata Mineira? Qual a interpretação que os atingidos fazem da sua participação nestes movimentos? Quais as consequências que o processo de resistência trouxe para a organização comunitária, pós século XXI?

² Atualmente, de acordo com o Governo de Minas Gerais, através do Programa de Geração Hidrelétrica em Minas Gerais (PGHMG 2007-2027), está previsto a construção de 45 UHEs e 335 PCHs para o estado até 2030. Especificamente, para as duas bacias que cortam a Zona da Mata Mineira, bacia Rio Doce Rio e bacia Paraíba do Sul e, tem-se projetado 8 UHEs e 159 PCHs que configuram em potencializadores de conflitos futuros. Para o Estado essas obras fariam parte do segmento da infraestrutura econômica do país, capital físico, a ser investido no território mineiro com repercussões benéficas para o desenvolvimento econômico e social das regiões implantadas (FONSECA; OLIVEIRA e SOUSA, 2011, 2012).

³ Um dos padres mais influentes foi o Padre Claret, liberado pela Arquidiocese para os trabalhos junto aos atingidos.

⁴ Dentre eles, o professor Rothman (Departamento de Economia Rural) e mais quatro professores da Universidade Federal de Viçosa.

2. METODOLOGIA

O principal método de coleta de dados utilizado na presente pesquisa foi o documental. Buscou-se reunir, além de outros estudos realizados na região, matérias de jornais, boletins de movimentos sociais e jornais eclesiásticos ligados a Arquidiocese de Mariana. Realizamos, ademais, uma busca em bancos de dados sobre os principais conflitos na região, tais como o Caderno de Conflitos da Comissão Pastoral da Terra, no Mapa de Conflitos Ambientais da Universidade Federal de Minas Gerais, no arquivo do Projeto de Assessoria às Comunidades Atingidas por Barragens, entre outros.

O segundo método utilizado visou complementar o primeiro. Constituiu-se na realização de entrevistas em profundidade com informantes-chaves, apoiando-se no uso do gravador de voz e na câmera fotográfica, além das anotações em caderno de campo. Para Minayo (2012) as entrevistas em profundidade (por vezes chamada de entrevista aberta) têm por desígnio propiciar que o entrevistado fale livremente, buscando uma imersão na temática proposta. Contudo, é importante que o pesquisador muna-se de um “roteiro guia” para que não se perca o objetivo da pesquisa. A amostra foi não-probabilística. Nesse sentido, o mapeamento bibliográfico e documental inicial possibilitou a constatação de sujeitos-chave para realizar as primeiras conversas com os atingidos ligados ao MAB, clérigos e assessores ligados às comunidades de Casa Nova, Emboque e Granada que participaram do processo de resistência frente aos projetos de construção de barragens em suas respectivas comunidades. Tendo como parâmetro a amostra não-probabilística os sujeitos participantes foram selecionados “[...] pelo critério de intencionalidade. Uma amostra intencional é aquela em que os indivíduos são selecionados com base em certas características tidas como relevantes pelos pesquisadores [...]” (GIL, 2002, p.145). Além disso, o critério de snowball, que consiste em uma indicação de entrevista futura pelo entrevistado “do momento”, também foi utilizado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na primeira parte da análise verificou-se que o contexto de lutas e resistência na Zona da Mata Mineira foi fortemente influenciado por parte da Igreja Católica progressista, simpatizante pela Teologia da Libertação⁵. A Arquidiocese de Mariana foi durante muito tempo tida como uma das mais conservadoras do Brasil e não havia apoio por parte da cúpula da Igreja para com os movimentos de mobilização no campo. A entrada do bispo Dom Luciano Mendes de Almeida - apresentado por muitos como um adepto da Teologia da Libertação - em 1988, na Arquidiocese, foi de extrema importância para uma mudança nas aberturas políticas na região. Sabemos, destarte, que o Repertório de Ação Coletiva pode ser influenciado por essas aberturas políticas, embora existam outros fatores que também incidam.

Este tipo de aliança entre Igreja Católica e movimentos sociais possibilitou a formação de uma rede de resistência na região e é, ademais, onde se forma o conjunto de táticas de resistência possíveis. Mais do que isso, o estudo demonstrou que existem atores individuais que possuem a capacidade de dar força e impulsionar essas redes. Isto é, antes da formação de um coletivo de atuação, alguns indivíduos, através de motivações particulares, vão criar estruturas (ou utilizar estruturas preexistentes) para que a Ação Coletiva se projete. Podemos dar três exemplos destes atores que contribuíram dessa maneira para uma rede de resistência na região da Zona da Mata Mineira: O professor Franklin, hoje aposentado pela Universidade Federal de Viçosa; O Padre Claret, que é hoje um dos principais militantes do MAB na região; e, outrora, a nomeação do bispo Dom Luciano. O professor Franklin e o Padre Claret tiveram influências locais e foram talvez os principais responsáveis pela criação de uma rede resistência que

⁵ [...] movimento religioso muito vinculado às lutas populares e que buscou, nas análises socialistas, especialmente no marxismo, o escopo material para as suas análises sociais e econômicas. Esse movimento ganhou força nas organizações populares do campo e esteve na origem do mais importante movimento social do Brasil nos últimos vinte anos: o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) (NETO, 2007, p.1).

englobava, padres, professores universitários, estudantes, membros de ONGs, entre outros.

Especificamente no que diz respeito aos Repertórios de ação coletiva, os dois casos em estudo neste trabalho somam mais de 40 anos de lutas e episódios de resistência, o que faz com que seja impossível descrever todas as práticas contidas no Repertório de Ação Coletiva ao longo desse período. Portanto, o que se objetivou foi demonstrar algumas tendências nas formas de Ação Coletiva que pareceram ser mais recorrentes e que de certa forma descreva sobre as possibilidades e condições do Movimento dos Atingidos por Barragens agir. Existem nesse sentido algumas predominâncias nos tipos de práticas do Movimento que em nossa análise tem ligação direta com as três principais fases do conflito: a) rumores – nessa etapa é onde acontecem as primeiras tensões sobre a construção do projeto e as incertezas do futuro da comunidade são muitas; b) construção do empreendimento – normalmente a fase mais intensa do conflito, ocorrendo muitos embates diretos com o empreendedor; e c) Reivindicações de condicionantes não cumpridas – geralmente o término da construção da hidrelétrica traz consigo um conjunto de promessas não findadas pelo empreendedor.

Como pode ser visto no esquema abaixo (Figura 1) é evidente que não seria possível para o Movimento armar um acampamento no canteiro de obras (já que ainda não existia) na primeira fase do conflito ou uma passeata contra o ato de concessão da Licença de Operação (algo também que não estava ocorrendo). Assim, as práticas possíveis naquele momento iam de encontro ao contexto sócio-histórico do conflito.

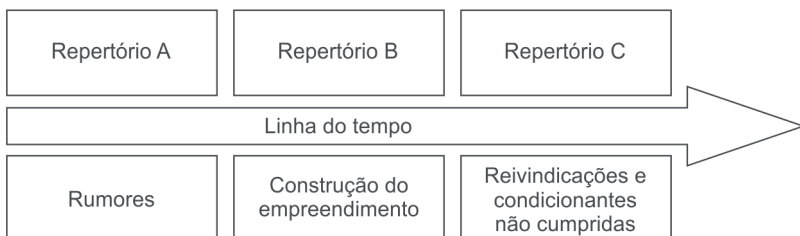


Figura 1. Delimitação temporal do conflito. Fonte: Elaborado pelos autores, 2016.

Por consequência, pudemos perceber que o Repertório, devidamente mapeado nas fases acima citadas poderia ser dividido em três categorias analíticas: técnico-científica; confronto direto e informação-educação.

- I) **Técnico-científica:** Este tipo de prática se refere a todo campo de atuação que exige algum conhecimento técnico e que fará parte do Repertório de Ação Coletiva dos grupos de resistência.
- II) **Confronto Direto:** Este é o tipo de prática mais utilizado e a que causa maiores repercussões dentro do Repertório de Ação Coletiva dos movimentos sociais. Pode ser uma ação mais enérgica como um confronto policial ou algo simbólico, como uma manifestação artística, por exemplo.
- III) **Informação-educação:** Configura em um tipo de ação que registra e divulga a opinião e as diretrizes gerais de algum movimento, sendo que na maioria das vezes não é um ato físico em si.

Este tipo de delimitação nos permitiu um avanço teórico sobre o conceito de Repertório de Charles Tilly. Em outras palavras, um estreitamento de seu uso, ou seja, consiste numa subdivisão do Repertório de Ação Coletiva a disposição de certos grupos sociais, intentando uma análise sociológica profícua dos elementos que compõe essas práticas e colocando em uso as convergências e divergências com diversos outros estudos que possuem objetivos de investigação semelhantes.

4. CONCLUSÕES

De um modo geral, o aspecto da resistência - e por consequência, da Ação Coletiva - é fruto de conflitos nos quais as relações entre opositores são demarcadas por uma forte assimetria de poder. Essa assimetria, por sua vez, tem forte influência sobre as possibilidades e escolhas de Repertórios por parte daqueles que resistem. Estudar um projeto de resistência de um movimento social é também, antes de tudo, verificar que suas ações são uma resposta a uma ação de seu “inimigo”. Nesse sentido, evidenciamos dois fatores que relaciona as reações e mobilização nos casos estudados.

O primeiro se refere ao fato de que nos últimos anos aconteceu uma desmobilização da comunidade de Casa Nova, que na ausência do conflito direto com o empreendedor houve uma acomodação no que se refere ao projeto de resistência. Todavia, pudemos registrar resquícios das mobilizações de outrora em projetos de geração de renda agroecológicos que estão dentro do conjunto de práticas do MAB, consequência da luta contra o modelo de desenvolvimento econômico que predomina, sobretudo, no que se refere ao não uso de agrotóxicos. Outro fator se daria na realização de uma festa que acontece de três em três anos para lembrar o projeto de resistência e a vitória contra a construção da barragem.

O segundo fator se refere a uma possível diferença do Repertório de Ação Coletiva entre os dois casos. É claro que esta pergunta é apenas provocativa, pois seria impossível projetar uma resposta satisfatória, sendo que os fatores que incidem sobre os casos são demasiados complexos e numerosos. Todavia, se este estudo puder contribuir com inferências no que se refere aos aspectos que decretaram as vitórias de Casa Nova sobre o empreendedor, optaríamos pelas estratégias técnico-científicas. Ao analisarmos o conjunto de práticas dos dois casos, o Repertório se constituiu de forma parecida, porém, a análise documental nos mostrou que o caso de Casa Nova envolveu um embate maior na esfera técnico-científica com laudos de contraposição aos estudos ambientais que fizeram uma diferença consubstancial ao embate.

Por fim, registramos que este estudo se revelou complexo à medida que percebemos que uma análise profícua das estratégias de resistência de um movimento social requer um esforço indutivo em nível da macrosociologia e em nível da microsociologia, ao passo que, investigados a parte não possuem poder explicativo sustentável. Sobre esta questão incidiu desafios metodológicos consideráveis que, por outro lado, forçou-nos atingir um nível de reflexão mais generalizado, com o cuidado, todavia, de não realizar inferências vazias. Dessa forma, não foi intenção esgotar as proposições analíticas deste trabalho, seja por um viés metodológico, seja por um viés teórico. Mas de contribuir com outros estudos que circundam o tema da Ação Coletiva e suas ramificações, travando um diálogo que

ora perpassa pelas cadeiras do senso comum, ora ocupa lugar privilegiado dentro da academia.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MCADAM, Doug; TARROW, Sidney; TILLY, Charles. Para mapear o confronto político. **Lua Nova**, São Paulo, n.76, 2009.
- ZHOURI, Adréia; ROTHMAN, Franklin Daniel. Assessoria aos atingidos por barragens em Minas Gerais: desafios, limites e potencial, in: Franklin Rothman (org.), **Vidas alagadas: conflitos socioambientais, licenciamento e barragens**, Viçosa: UFV, 2008.
- FONSECA, Bruno Costa da; OLIVEIRA, Marcelo Leles Romarco de; SOUSA, Dayane Rouse Neves. Conflitos ambientais: atores, causas e desdobramentos na Zona da Mata Mineira. **Caminhos de Geografia Uberlândia**, v. 13, n. 42, 2012.
- OLIVEIRA, Fabrício Roberto Costa. **Religião e mobilização social na arquidiocese de Mariana/MG**. 2005. 174f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Departamento de Economia Rural, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2005.
- SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. 3a Ed. Florianópolis: UFSC, 2001.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. ed. 29. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- NETO, Antonio Julio Menezes. A Igreja Católica e os movimentos sociais do campo: a teologia da libertação e o movimento dos trabalhadores rurais sem terra. **Caderno CRH**, Salvador, v. 20, n. 50, 2007.

Agência Financiadora da Pesquisa: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq.

Banca: Ana Louise de Carvalho Fiúza, Marcelo Leles Romarco de Oliveira e Fabrício Roberto Costa Oliveira.